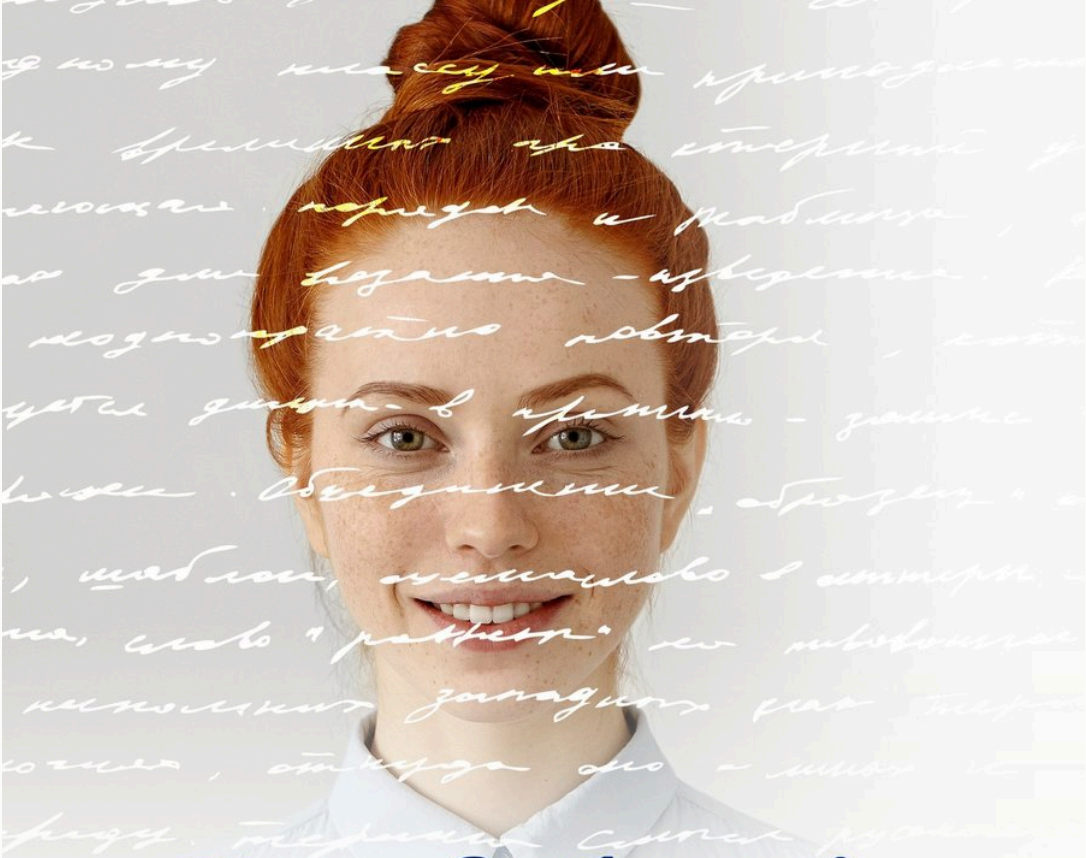


Grafologia 3.0

Tinta, pixels e algoritmos

Da lupa às redes neurais

Análise da escrita manuscrita com inteligência artificial.
Uma nova face científica para a grafologia tradicional

RODRIGO FARÍAS VELOSO

Psicólogo e grafólogo

Grafos | GrafoMetrics
Tecnología de Evaluación Psicológica Avanzada

Grafologia 3.0

Tinta, pixels e algoritmos

Da lupa às redes neurais

RODRIGO FARÍAS VELOSO

Grafos | GrafoMetrics
Tecnología de Evaluación Psicológica Avanzada

Grafologia 3.0. Tinta, pixels e algoritmos.
Da lupa às redes neurais

© 2026 Rodrigo Farías Veloso
Instituto de Ciencias del Grafismo Grafos · Santiago do Chile
grafos.cl

Primeira edição digital: novembro de 2026. Traduzido do original em espanhol, *Grafología 3.0. Tinta, píxeles y algoritmos*.

Todas as amostras de escrita reproduzidas neste livro foram anonimizadas e são publicadas com o consentimento das pessoas avaliadas. Nenhuma permite identificar quem a escreveu. Os nomes que aparecem dentro dos textos manuscritos são personagens de contos.

O GrafoMetrics é uma ferramenta de apoio ao profissional: mede e mostra o que mede. As escalas de segunda ordem apresentadas são experimentais. As conclusões sobre uma pessoa cabem sempre ao grafólogo ou psicólogo que a avalia, e nunca devem se basear em um único instrumento.

GRATIDÃO

Agradecimentos

Este livro tem um único autor na capa, mas foi escrito com a ajuda de muitas pessoas.

A **José Javier Simón**, meu mestre e meu amigo, que me convenceu de que a grafologia podia ser ordenada e científica. Sem essa convicção, este livro não existiria.

A **Amparo Botella**, pela sua sabedoria e pela sua orientação. Ela me mostrou, com toda a certeza, que para fazer isto bem era preciso «seriedade acima de tudo e senso de humor». Tentei não esquecer nenhuma das duas coisas.

A **Salvador Martínez**, que me pôs em contato com José Javier Simón e me recebeu em sua casa na Espanha. Ele me reconectou com a grande comunidade grafológica hispano-americana, da qual até então eu estava distante. E à comunidade dos **Prêmios Michon**, que semana após semana mantém viva a chama do estudo da escrita. Sem eles, esta disciplina cairia a cada dia um pouco mais no esquecimento.

Ao meu querido e saudoso mestre **Francisco Viñals**, da Universidade Autônoma de Barcelona. A ele devo a compreensão profunda do que é a grafoanálise, e à sua obra, a grande contribuição da grafoanálise transacional.

A **Óscar Martínez**, que acreditou em mim quando poucos acreditavam e me abriu a porta para levar a grafologia a milhares de pessoas por meio do Groupon.

A **Claudio Stöckle**, meu irmão, que acreditou no projeto quando ganhamos a Start-Up Chile. Embora depois não tenha continuado nele, porque foi morar na Austrália, ele me ajudou a decolar.

A **Christopher Suárez** e **Diego Díaz Espinosa**, que me acompanharam na pesquisa contada nestas páginas.

A **Sebastián Urzúa**, meu aluno, que me abriu as portas da Audiomúsica. Ali fizemos estudos com grafologia que me surpreenderam, e encontramos uma das associações menos intuitivas da minha carreira: os vendedores que mais vendiam eram os que escreviam menos linhas. Não era desânimo: eram os mais ativos e orientados para a ação. Isso não estava em nenhum manual.

Aos clientes empresariais que confiam em mim para a seleção de pessoas e que incorporaram o GrafoMetrics para avaliar os seus candidatos. Obrigado por me confiarem uma responsabilidade tão grande.

A todos os meus alunos, que me ensinaram tanto quanto eu a eles e que a cada dia me motivam a fazer da grafologia uma prática melhor e mais científica.

Aos meus pacientes, que me ensinaram muito mais do que eu esperava. Graças a eles pude levar a grafologia ao meu traba-

lho cotidiano como psicólogo e comprovar com os meus próprios olhos o que nenhum manual teria me ensinado.

Acima de tudo, aos meus pais e à minha Titi, minha segunda mãe, pelo amor, pelo apoio e pela compreensão que me deram nesta loucura de estudar grafologia e fazer dela um caminho de vida. À minha Titi devo também o entusiasmo pelo francês: ela me ajudou a traduzir livros até que me apaixonei por essa língua e pude ler a grafologia no seu idioma original.

A **Sara**, minha esposa, que nunca deixou de me perguntar o quanto a grafologia era realmente científica. Com amor, e sem concessões, ela me incentivou a demonstrá-lo, para que pudéssemos usá-la com rigor na avaliação dos nossos pacientes bariátricos. Também foi ela quem me convenceu de que esta pesquisa merecia ser conhecida.

A **Antonella Luz**, minha filhinha, que é o meu sol. Espero que um dia você leia estas palavras e saiba o que o papai fazia naquelas longas horas longe de você, sem poder brincar com você: estava tentando descobrir os segredos da escrita humana.

E aos pesquisadores que um dia lerem este livro. Que peguem o bastão e levem o estudo da escrita, tão antigo quanto a própria escrita, às alturas que o mundo de hoje e o de amanhã exigem.

CONTEÚDO

Sumário

Introdução · O que os amadores fazem com os dados da NASA

PRIMEIRA PARTE

Grafologia 1.0 · *A lupa*

1 A lupa e o abade

INTRODUÇÃO

O que os amadores fazem com os dados da NASA

Hoje, voluntários que nunca estudaram astronomia examinam dados públicos da NASA e ajudam a descobrir planetas que giram em torno de outras estrelas. Redes neurais treinadas com esses mesmos dados encontraram mundos que nenhum olho humano tinha visto. As técnicas de análise de imagens e de aprendizado de máquina que há poucos anos viviam nos laboratórios se tornaram uma caixa de ferramentas que qualquer pessoa com curiosidade e paciência pode abrir.

Agora te faço uma pergunta. O que aconteceria se continuássemos olhando o céu com o telescópio de Galileu? Veríamos Júpiter como um pontinho com quatro luas ao redor, e ficaríamos felizes. Hoje o vemos com suas tempestades, suas faixas e até suas auroras. Não é que Galileu olhasse mal. É que seu instrumento chegava até ali.

Com a grafologia acontece o mesmo. A grafologia clássica não estava errada: era o nosso telescópio de Galileu. Com ela aprendemos a reconhecer na escrita padrões, traços e tendências da personalidade que a própria pessoa não controla por completo, porque escreve pensando no que diz e não em como escreve. Essa é a sua maior riqueza, e é justamente o

que a torna tão valiosa nesta época: a escrita deixa uma marca do inconsciente que é muito difícil de falsificar. Estou convencido de que nenhuma máquina vai substituir isso, porque o que se estuda não é a máquina, mas o ser humano em toda a sua complexidade. O que pode mudar, e está mudando, é o instrumento com que olhamos.

Este livro conta o que acontece quando essa mesma caixa de ferramentas é aplicada a algo muito mais próximo do que uma estrela a mil anos-luz: a escrita manuscrita. E para te contar isso, preciso começar pelo começo. Não por uma máquina, mas por uma pergunta.

Tudo começou com uma pergunta

Ensino grafologia há muitos anos. Mais de nove mil pessoas já passaram pelos meus cursos, e isso me deu algo valioso: alunos que me deixaram sem palavras.

Um deles me disse um dia: «Professor, o senhor não poderia nos dar algo para organizar a análise? Porque eu fico preso nos gestos-tipo e não saio dali».

Ele tinha razão. Uma análise grafológica tem tantas coisas para observar que é fácil se perder. Então fiz algo muito humilde: uma planilha de Excel. Uma lista de verificação, nada mais. Cada traço em uma linha, para observá-lo, anotá-lo e não esquecer nenhum.

Nessa planilha reuni o melhor do que tinha aprendido com meus mestres. A ordem de José Javier Simón, que eu adorava.

As escolas clássicas de Vels, de Viñals, do padre Moretti. E algo da psicologia profunda: os tipos psicológicos de Jung, que eu tinha estudado a fundo ao me certificar no inventário de Tipos Psicológicos MBTI. Não inventei nada de novo. Juntei, integrei. Por isso o chamei de **Grafoanálise Integrativa**. Aliás, é assim que se faz ciência: sobre os ombros de muita gente que trabalhou antes de nós.

Quando é um 8 e quando é um 7?

Quando fiz a pós-graduação em Grafopsicologia na Universidade Autônoma de Barcelona, descobri que já existiam outras planilhas de análise grafológica, chamadas estrategicamente de «planilhas de grafoanálise» para ressaltar a objetividade do seu registro. Mas as planilhas de grafoanálise que eu tinha aprendido com Vels e Viñals tinham um problema incômodo. Pareciam objetivas, mas escondiam uma subjetividade enorme: era preciso qualificar cada traço com um número, conforme fosse ou não uma dominante, e esse número era dado pelo olho do grafólogo.

Em grafologia falamos de **dominantes**: os traços que mais se destacam em uma escrita e que orientam toda a interpretação. São o esqueleto da personalidade. Alguns dos meus mestres as ponderavam com uma nota: de 3 a 6 se o traço era subdominante, e de 7 a 9 se era dominante. E eu fiz a Francisco Viñals, meu professor, a mesma pergunta várias e várias vezes:

—Professor, e quando é um 8 e quando é um 7? Se em uma escrita predomina o preto, isso é um 9. Mas quanto é um 6?

Essa pergunta nunca teve resposta. Não porque Viñals não soubesse grafologia, que sabia muitíssimo, mas porque com uma lupa e um olho treinado não havia como respondê-la. Guarde essa pergunta, porque este livro, de alguma forma, é a resposta a ela.

A noite em que mergulhei no código

Dou aulas presenciais de grafologia desde 2002. Em 2005 me arrisquei em algo novo: um curso on-line. Naquela época quase ninguém sabia como ensinar atrás de uma tela, então tive que inventar um pouco. Minha rudimentar sala de aula virtual eram as apresentações dos meus cursos transformadas em imagens feitas com o programa Flash, algumas leituras em PDF, algumas aulas ao vivo pelo Skype (dois programas que hoje já não existem, embora talvez alguém se lembre deles) e um engenhoso sistema de perguntas de múltipla escolha que se corrigiam sozinhas, obra de um amigo programador.

Foi o que em marketing se conhece como um negócio bambu, um modelo muito estudado: o bambu passa anos criando raízes debaixo da terra sem que nada apareça na superfície, e de repente cresce vários metros em poucas semanas. Em quatro anos, vinte pessoas fizeram o meu curso. A sala de aula funcionava razoavelmente bem, com suas limitações.

Até que um dia tive a ideia de fazer um convênio com o Groupon, o site de cupons de desconto. Ninguém dava muita chance a um curso de grafologia. Foi um sucesso comercial: **mais de quatrocentas pessoas o compraram só na primeira**

noite. Pelo que soube depois, foi o primeiro curso on-line que o Groupon vendeu com sucesso no mundo, e o modelo acabou sendo replicado em outros países. Os gerentes não conseguiam acreditar nos números que viam. A humilde grafologia, pelo visto, interessava muito mais do que eles imaginavam.

Na manhã seguinte, minha caixa de entrada estava lotada. Dezenas de alunos novos pediam explicações: os links não funcionavam. Não é a mesma coisa vinte pessoas entrarem em uma sala de aula e quatrocentas ao mesmo tempo. E o meu amigo programador era tão introvertido que, quase por filosofia de vida, nunca atendia o telefone antes de uma semana.

Não havia tempo para esperar. No desespero, abri o código da sala de aula sem saber muito bem o que estava olhando. Testei, errei, testei de novo, e em menos de uma semana a sala voltou a funcionar. Confesso que não entendi completamente o que tinha consertado.

Mas aquela semana deixou uma ideia plantada: se eu tinha um negócio de ensino on-line, era melhor aprender a programar. Assim nasceu o meu interesse pela informática. Não foi uma vocação acadêmica, mas uma necessidade urgente.

Nunca imaginei aonde isso me levaria. O cruzamento de duas disciplinas tão diferentes, uma ancestral e um tanto misteriosa como a grafologia e outra feita de lógica e funcionamento como a informática, me abriu fronteiras antes insuspeitadas.

A primeira coisa que fiz com o que aprendi foi voltar à minha planilha. E surgiu uma ideia: e se essa planilha de Excel se transformasse em um aplicativo? Um programa em que se inserissem os traços em ordem, que ponderasse apenas as dominantes e que, no final, entregasse um laudo com gráficos. Eu o construí. Funcionava. Era mais rápido, mais organizado, mais limpo. Com um pouco de prática, inserir uma escrita completa não levava mais de cinco minutos.

Mas ainda havia outra pergunta em aula.

O branco e o preto

Era uma discussão que nunca terminava: «Professor, nesta escrita predomina o branco ou o preto?».

Para quem não é grafólogo, explico em uma frase: **o preto é a pessoa falando; o branco é a pessoa pensando**. Uma folha muito carregada de tinta costuma acompanhar alguém mais expressivo, mais voltado para fora. Uma folha com muito espaço livre, alguém mais reservado, que leva o seu tempo. Não é o único indicador, claro, mas é um dos mais importantes.

O problema é que cada grafólogo via uma coisa diferente. As respostas eram mais emocionais do que objetivas, e as discussões se tornavam bizantinas.

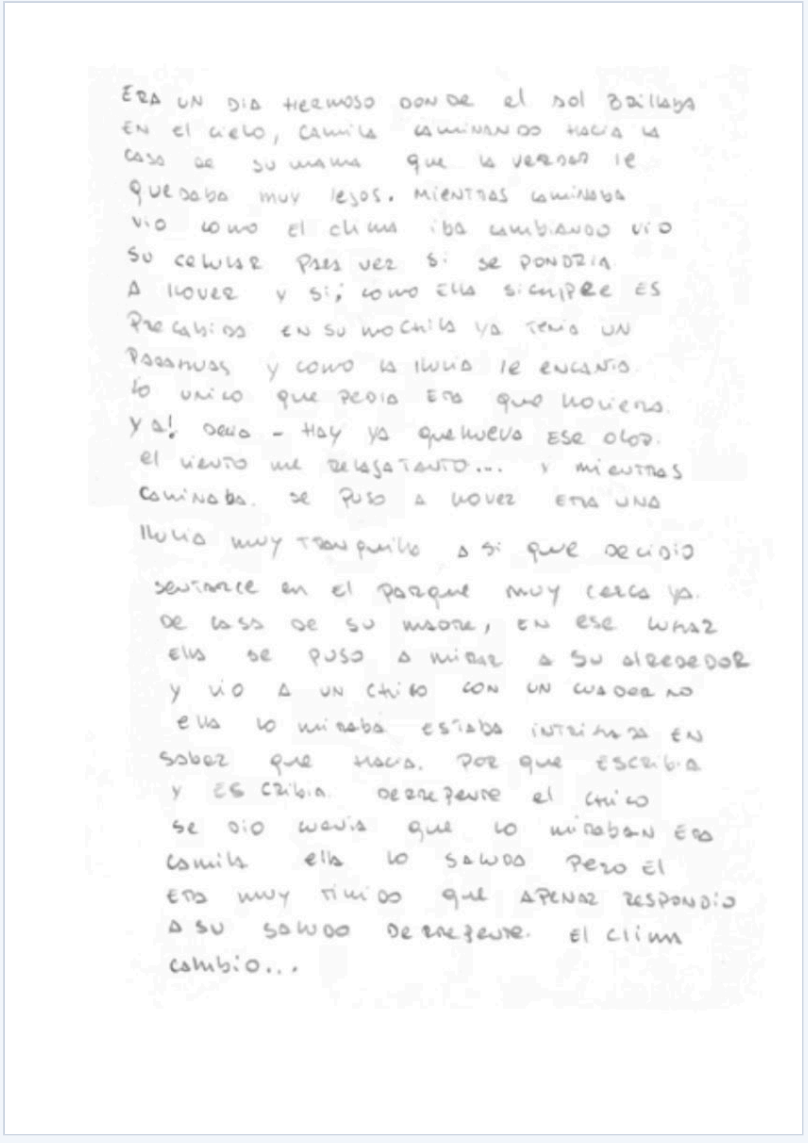
Agora é a sua vez.

Observe a escrita da figura seguinte. Não a leia: olhe-a como um todo, como se fosse uma mancha. E antes de virar a pá-

gina, responda: **que porcentagem desta folha você acha que está coberta de tinta?**

Anote o seu número. Sério, anote.

FIGURA 1



Que porcentagem desta folha está coberta de tinta? Anote a sua resposta antes de continuar.

O que os grafólogos responderam

Fiz essa mesma pergunta em uma aula aberta para grafólogos, com cerca de cem inscritos de vários países. As respostas começaram a chegar pelo chat: 6, 30, 40, 45, 50, 60, 70.

Imagine. Supostamente éramos todos grafólogos, olhando a mesma folha, e não havia duas opiniões iguais. A pessoa que chegou mais perto disse 8 %.

E não se preocupe se o seu número ficou longe. Eu também errei no começo. O que você acabou de viver não é um erro seu: é o limite de um instrumento, e esse instrumento é o olho humano.

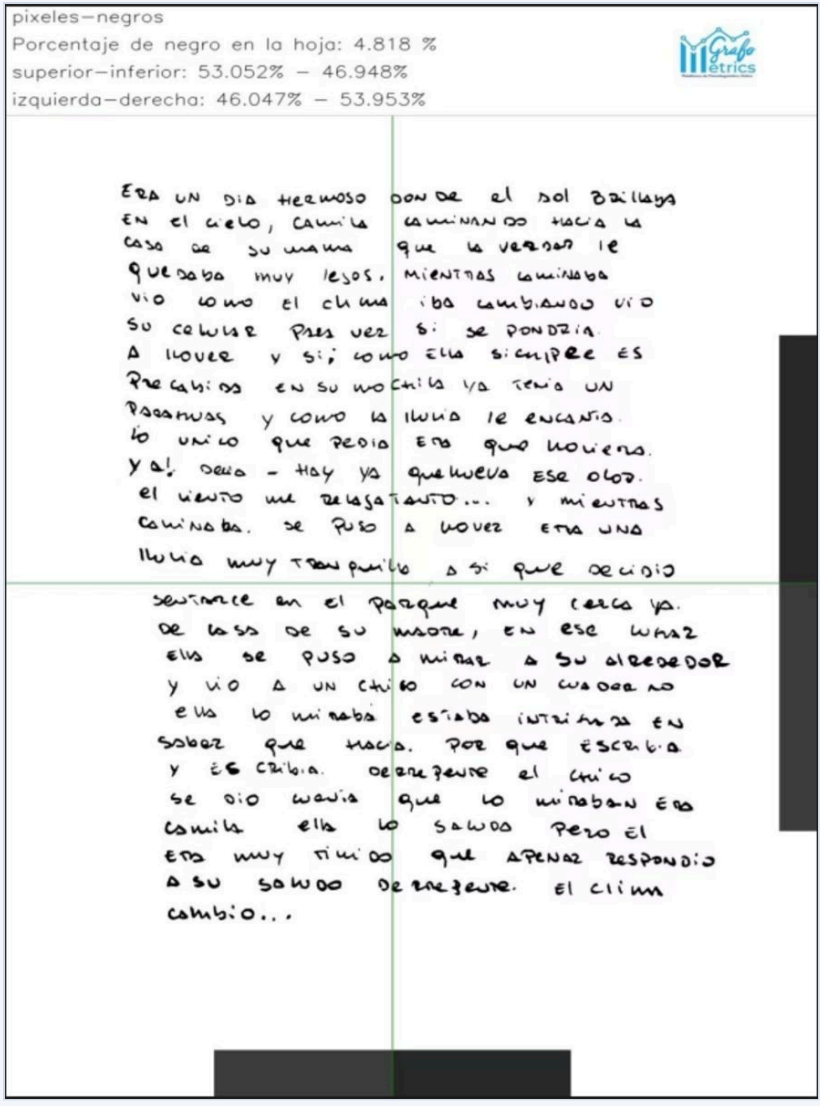
Então contamos os pixels

Antes de continuar, uma palavra que você vai ler muitas vezes neste livro: **pixel**. Quando você digitaliza uma folha, o computador a divide em uma grade de milhões de pontinhos minúsculos, como um mosaico de ladrilhos tão pequenos que a olho nu não se percebem. Cada ladrilho é um pixel. E cada pixel pode ser contado.

Então escrevi um pequeno programa que separava a tinta do papel e contava quantos pixels eram pretos.

A folha que você acabou de ver tem **4,8 %** de pixels pretos.

FIGURA 2



A mesma folha, binarizada pelo software: 4,818 % de pixels pretos. As linhas dividem a folha em quadrantes para mostrar onde a tinta se concentra.

Quando vi esse resultado pela primeira vez, tive certeza de que o software tinha uma falha. 4,8 %? Se a folha parecia cheia de tinta. Revisei o programa. Rodei de novo. E não: o software funcionava perfeitamente. **O olho humano tinha nos enganado.**

E havia algo mais: se eu enviar essa mesma folha a um colega no Equador ou na Espanha, o programa lhe dará exatamente o mesmo número. É isso que buscamos quando falamos de ciência. Como se contam milhões de pixels em segundos, e por que o olho infla a tinta, eu explico com calma no capítulo 4.

Foi isso que realmente me deslumbrou. Assim como a astronomia estuda o imensamente grande, aqui se abria a porta para estudar o imensamente pequeno: os pixels e os microgestos gráficos que, somados, desenham uma personalidade. A linguagem não verbal de uma pessoa, congelada no papel.

O nascimento dos percentis

Mas surgiu outra pergunta, e esta era mais difícil. O que significa 4,8 %? É muito? É pouco?

Um número isolado não diz nada. Então me lembrei das minhas aulas de estatística: o que era preciso fazer era comparar essa folha com muitas outras. Transformar a pontuação bruta em um **percentil**, uma escada de 1 a 100 que diz em que degrau uma pessoa está em relação a todas as demais.

Comparamos essa folha com as escritas de cerca de 940 pessoas. E o resultado foi que esses 4,8 % correspondiam ao **per-**

centil 67. Ou seja, aproximadamente duas em cada três pessoas da amostra escrevem com menos tinta do que ela.

Percebe o que isso significa? Os colegas que responderam «70» não estavam tão perdidos. A intuição deles sobre a *posição* daquela escrita era razoável. O que o cérebro não conseguiu fazer foi o salto entre a impressão e a medida exata. Essa é, em uma frase, a diferença entre olhar e medir.

E o percentil trouxe algo mais. Cada traço é medido em uma unidade diferente: a tinta em porcentagem, a inclinação em graus, as margens em centímetros, o tamanho em milímetros. Até então era impossível compará-los entre si. Com os percentis, pela primeira vez, todos os traços falavam a mesma língua. E um traço que supera o percentil 70 em uma escrita se destaca claramente em relação ao resto da população.

Isso tem um nome em grafologia: uma **dominante**.

Depois de tantos anos, eu tinha uma resposta para a pergunta que fiz tantas vezes a Viñals. Quando é um 8 e quando é um 7 já não dependia da impressão de ninguém. Dependia de como as pessoas escrevem de verdade.

Eu não era o primeiro

Eu estava convencido de que era o primeiro a olhar a escrita com um computador. Não era. Há décadas, pesquisadores nos Estados Unidos, na Rússia, no Irã, na Índia e em muitos outros lugares vinham tentando fazer com que uma máquina lesse e medisse a escrita manuscrita. Um deles, o russo Yuri Chernov,

fazia exatamente as mesmas perguntas que eu. Neste livro você vai conhecê-los.

O que nós fizemos foi pegar aquela pequena revelação dos pixels pretos e levá-la muito mais longe. Depois vieram uma equipe, um fundo do Estado do Chile, um nome (primeiro Inksight, depois GrafoMetrics) e centenas de novas medições. Mas tudo começou ali: com uma planilha de Excel, uma pergunta sem resposta e uma folha que parecia cheia de tinta.

A semente que eu julgava perdida

Medir era só metade do caminho. A outra metade era a pergunta que sempre fizeram à grafologia, e com razão: essas medidas dizem algo sobre a pessoa?

Para respondê-la, desenhamos um estudo em condições controladas. Dezenas de pessoas escreveram uma história e responderam a testes psicológicos validados, desses que são usados em clínicas e empresas do mundo todo. Depois cruzamos os dois mundos: o que o software media na escrita e o que os testes diziam sobre a personalidade.

Durante anos contei nas minhas aulas que esse estudo existia. Mas suas tabelas não estavam em lugar nenhum, e cheguei a dá-las por perdidas. Enquanto terminava este livro, eu as encontrei em um arquivo antigo.

E elas dizem algo que vale a pena contar com calma. Alguns dos traços que a grafologia descreveu há mais de um século, medidos agora por uma máquina, se associaram à personali-

dade além do que o acaso pode explicar. Não todos, e não com a força que gostaríamos. Mas é a primeira semente de evidência de que a grafologia precisava, e no capítulo 11 eu a mostro completa: o que apareceu, o que não apareceu e o que falta fazer.

O que vem nestas páginas

Hoje o GrafoMetrics calcula mais de duzentos indicadores de uma escrita: espaços, margens, direções, formas, coesão, assinatura e a pressão do traço. Desses, 40 já têm uma norma populacional na primeira folha e 53 na segunda. Cada medição é comparada com a de uma população real e desenhada sobre a própria escrita, para que o grafólogo veja exatamente o que foi medido. Aqui não há caixa-preta. O software não decide: mede. Quem decide é o grafólogo.

Nestas páginas vou te mostrar como isso se vê: amostras reais, anonimizadas, com suas medições desenhadas por cima, como as ilustrações de um livro de botânica. Você vai ver o que descobrimos com dados reais. E vai ver algo que, nos nossos testes, a inteligência artificial ainda não consegue copiar: a forma de uma letra se imita facilmente, mas o pulso da mão que a escreveu é muito mais difícil de falsificar. Também vou te contar onde essa descoberta falha, porque um resultado que só mostra os acertos não é ciência: é publicidade.

E vou te contar onde está o teto. A escrita humana, como o clima ou a personalidade, é um sistema tão complexo que medi-la com regras tem um limite. Para ir além, é preciso mu-

dar de paradigma: parar de programar regras e começar a ensinar uma máquina com exemplos. Essa é a próxima fronteira, e está mais perto do que parece.

Isso é uma promessa de método, e quero ser claro com o resto.

Você não vai encontrar aqui a fantasia de que um sinal em uma letra revela quem você é. Os efeitos que medimos são pequenos: úteis para entender populações e para orientar o olhar de um profissional, não para decidir o destino de uma pessoa. Vou te contar o que funcionou e também o que não funcionou, incluindo uma escala experimental que melhorou em tudo o que podíamos medir dentro da escrita, mas que ainda não encontra eco fora dela. Acredito que essa honestidade é o mais valioso que uma disciplina que sofreu tanto por prometer demais pode oferecer hoje.

Hoje, quando a inteligência artificial está em toda parte, qualquer pessoa com curiosidade pode investigar o que quiser, e tudo o que já foi feito pode ser melhorado. É nisso que estamos. Outros escolheram prever como as proteínas se dobram ou caçar supernovas esquivas. Eu escolhi a escrita.

Três épocas, um mesmo protagonista

O protagonista deste livro não sou eu. É o estudo da escrita, que viveu três épocas.

A primeira, a da lupa: o olho humano, a intuição e a paciência. A segunda, a da planilha e do computador: as primeiras tenta-

tivas de medir, ordenar e comparar. A terceira, a do algoritmo e da inteligência artificial, na qual estamos entrando agora e cujos limites ainda não conhecemos.

Chamá-la de «Grafologia 3.0» é uma licença de entusiasmo. Não significa que tudo esteja resolvido, mas que algo mudou para sempre na forma de olhar. E não é uma despedida do grafólogo: é o momento em que o grafólogo de hoje, com ferramentas melhores, enxerga mais longe do que o de ontem. Como quem troca o telescópio de Galileu por um que lhe mostra as auroras de Júpiter.

Se alguma vez você se perguntou se a escrita pode ser estudada com a seriedade de uma ciência, este livro é um convite para olhar a evidência comigo. E se você já é grafólogo, psicólogo ou simplesmente alguém curioso, te convido a algo mais simples e mais emocionante: a virar a página.

RODRIGO FARÍAS VELOSO

Santiago do Chile, novembro de 2026

Está gostando?

A introdução é só o começo. Garanta o livro completo pelo preço de pré-venda e receba-o no seu e-mail.

Quero o livro completo

Reservar sem pagar · Pré-venda: US$ 9,99 · 9,99 €

PRIMEIRA PARTE

Grafologia 1.0

A lupa

Durante mais de um século, estudar a escrita significou uma folha, uma lupa e um olho treinado. Assim nasceu a disciplina, e assim seus fundadores esbarraram no primeiro grande limite.

CAPÍTULO 1

A lupa e o abade

Antes de te contar a história, proponho um pequeno experimento. Pegue um lápis e uma folha. Escreva seu nome completo, como faria em qualquer formulário. Agora escreva de novo, mas desta vez com a letra que te ensinaram nos primeiros anos de escola, letra por letra, exatamente como vinha no caderno de caligrafia.

Percebeu a diferença? Na primeira vez a sua mão voou sozinha. Na segunda você teve que pensar em cada curva, e provavelmente saiu mais lenta, mais rígida e bem mais feia.

O que você acabou de sentir é o ponto de partida da grafologia.

A escrita é um gesto

Escrever é uma habilidade aprendida. No começo custa muitíssimo: é preciso pensar em cada letra, em cada ligação, em cada linha. Mas com a prática o movimento se automatiza, até que um dia deixamos de pensar em como escrevemos e pensamos apenas no que escrevemos. A partir desse momento, a mão trabalha por conta própria.

E aqui vem o interessante. Desde o primeiro dia, cada pessoa vai modificando o modelo caligráfico que lhe ensinaram. Uma letra se inclina um pouco mais, outra diminui, as margens se

alargam ou se estreitam, a pressão se torna firme ou leve. Ninguém decide fazer isso. Simplesmente acontece, e acontece de um jeito diferente em cada pessoa. Por isso a sua escrita é tão sua quanto a sua impressão digital.

A grafologia estuda justamente esses desvios em relação ao modelo aprendido. São padrões motores únicos, e a sua forma e a sua dinâmica permitem formular hipóteses sobre a personalidade de quem escreve.

Funciona de modo parecido com a linguagem não verbal. Quando você conversa com alguém, não escuta apenas as palavras: também observa os gestos, a postura, o tom de voz. Muitas vezes isso diz mais do que aquilo que a pessoa conta. A escrita manuscrita é a marca dessa linguagem não verbal, só que, em vez de se perder no ar, fica fixada no papel.

FIGURA 3

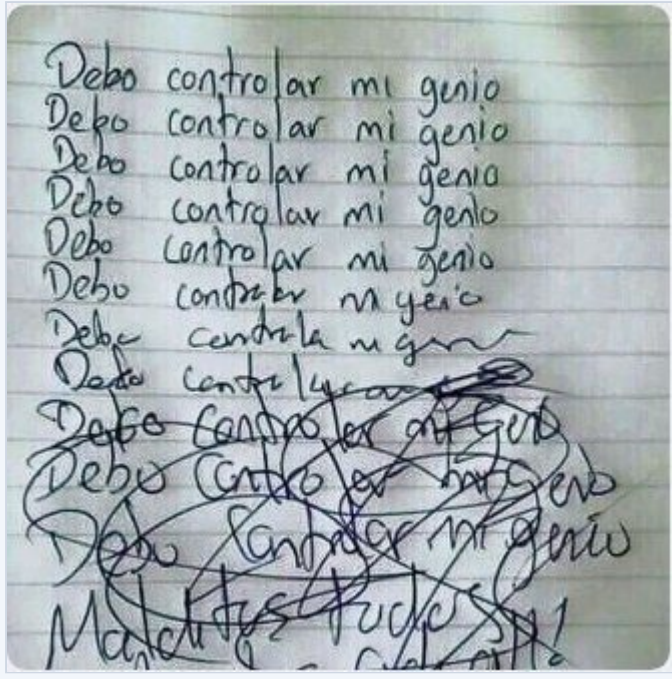


A escrita é a marca de um movimento: como se uma bailarina deixasse o seu percurso desenhado no papel.

Pense em uma bailarina que avança sobre uma folha gigante. Se a ponta da sapatilha deixasse uma marca de tinta, o traço final contaria como ela dançou: onde hesitou, onde acelerou, onde parou para tomar fôlego. A escrita é exatamente isso: a marca de um movimento.

E esse movimento não é alheio ao que sentimos. Veja esta outra figura. Ela circula pela internet há anos, e não sei quem a escreveu, mas não conheço forma mais simpática de mostrar como uma emoção entra na mão.

FIGURA 4



«Debo controlar mi genio» («Devo controlar o meu gênio»). Uma imagem anônima que circula na internet: o texto diz uma coisa e o traço, outra.

As primeiras linhas são organizadas e obedientes. Pouco a pouco a letra se desmancha, a pressão aumenta, as linhas se desordenam e, no final, a paciência se rende. O que a pessoa

escreve diz «devo controlar o meu gênio». O que a sua escrita mostra é que ela não está conseguindo.

Mas, afinal, desde quando percebemos isso?

Um livrinho de Bolonha

Em 1622, em Bolonha, um professor universitário chamado Camillo Baldi publicou um livrinho com um título longuíssimo, como se costumava na época: *Tratado de como, a partir de uma carta, se conhecem a natureza e as qualidades de quem a escreve*. É, até onde sabemos, o primeiro estudo detalhado sobre a ideia que percorre todo este livro: a de que a maneira como alguém escreve diz algo sobre quem ele é.

Baldi não tinha um método nem uma escola. Tinha uma intuição e curiosidade suficiente para colocá-la por escrito. Passariam quase dois séculos e meio até que alguém transformasse essa intuição em uma disciplina.

FIGURA 5



Três séculos de grafologia a olho: da primeira intuição de Baldi ao mapa simbólico de Pulver. Todos trabalharam com o mesmo instrumento: o olhar humano.

Um padre que observava pedras, plantas e letras

Jean-Hippolyte Michon nasceu em 1806 em um povoado de Corrèze, no centro da França. Ordenou-se padre em 1830, mas sua verdadeira vocação foi a de observador. Estudou os monumentos galo-romanos da região de Charente e escreveu um tratado sobre eles. Em 1850 viajou ao Oriente Médio em uma missão científica, como arqueólogo e como botânico.

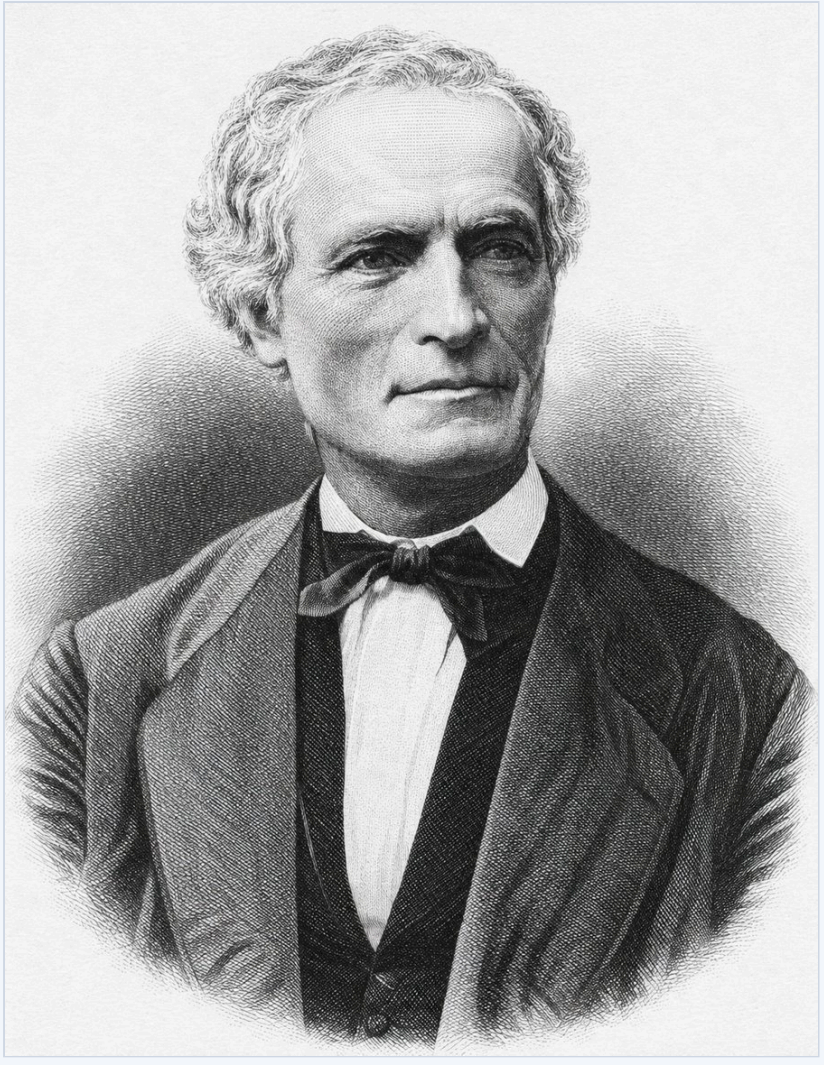
Vale a pena parar nesse detalhe. Um botânico da sua época saía a campo, recolhia uma planta, desenhava-a com cuidado, anotava suas características e a comparava com outras até poder classificá-la. Michon fez exatamente isso com a escrita manuscrita. Durante anos reuniu cartas, assinaturas e manuscritos, e foi anotando que forma de escrever parecia acompanhar que forma de ser.

Ele não era um homem cômodo para a Igreja. Deixou o exercício formal do sacerdócio em 1842, e em 1860 publicou um livro sobre a renovação da Igreja que foi parar no Índice dos livros proibidos. Também não era cômodo para os ocultistas. Em 1868 conheceu Adolphe Desbarrolles, um quiromante que lia o destino nas linhas da mão, e os dois decidiram escrever juntos sobre a escrita. O livro saiu em 1872, *Os mistérios da escrita*, mas Michon se opôs ao enfoque esotérico do companheiro. Ele não queria adivinhar o destino: queria observar.

Em 18 de novembro de 1871 publicou o primeiro número de uma revista, o *Journal des Autographes*, e em suas páginas aparece pela primeira vez uma palavra nova: **grafologia**. Quatro anos depois, em 1875, apresentou o seu *Sistema de grafologia*,

e em 1878 um *Método prático*. Percorreu a França e outras cidades da Europa dando conferências. Morreu em 1881.

FIGURA 6



Jean-Hippolyte Michon (1806-1881), em uma gravura da época. Padre, arqueólogo, botânico e o primeiro a chamar de «grafologia» o estudo da escrita.

A contribuição de Michon foi enorme e teve um limite claro. O seu sistema funcionava como um dicionário de sinais: um traço da escrita correspondia a um traço do caráter. Era organizado, ensinável e fácil de aplicar. E, por isso mesmo, era frágil, porque uma pessoa não é uma soma de sinais soltos.

O dentista que pôs ordem

Quem viu esse limite foi um dentista. Jules Crépieux-Jamin nasceu em Arras em 1859, exerceu a profissão em Rouen e dedicou a vida inteira à grafologia. Admirava Michon, estudou-o a fundo e o corrigiu.

Em 1888 publicou *A escrita e o caráter* e, com os anos, organizou os sinais que Michon tinha descrito em sete grandes gêneros: dimensão, forma, pressão, velocidade, direção, ordem e continuidade. A sua classificação chegou a reunir 175 sinais. Era, pela primeira vez, uma lista completa de coisas para observar em uma escrita, uma por uma.

Mas a sua ideia mais importante não foi a lista. Foi perceber que **um sinal não tem um valor fixo**. O que ele significa depende dos outros traços que o acompanham na mesma escrita. Uma pressão forte não diz o mesmo em uma escrita organizada e em uma caótica. Com essa ideia, a grafologia deixou de ser um dicionário e começou a ser um método de análise.

Guarde essa lista de 175 sinais na memória. Combinados entre si, eles dão mais escritas possíveis do que átomos existem no universo, e no último capítulo vou te mostrar a conta. Mais de

um século depois, uma lista parecida, mas em uma planilha de Excel, ia mudar o rumo desta história.

O filósofo do ritmo

Enquanto os franceses classificavam, na Alemanha alguém olhava a escrita de outro lugar. Ludwig Klages nasceu em Hannover em 1872. Em 1896 participou da fundação da Sociedade Grafológica Alemã e, em 1917, publicou a sua obra principal sobre o tema, *Escrita e caráter*.

Klages foi um pensador complexo, e várias de suas ideias fora da grafologia foram alvo de fortes críticas. No que nos interessa aqui, a sua contribuição foi olhar a escrita como um todo antes de olhá-la como um conjunto de partes. Ele é associado a dois conceitos que continuam vivos. O primeiro é o **nível de forma**: a impressão geral de harmonia, originalidade e vitalidade de uma escrita, que tinge a leitura de todos os seus detalhes. O segundo é o **ritmo**: a pulsação viva do movimento, diferente da simples regularidade mecânica.

Klages via a escrita como a marca de um movimento. Essa intuição, que naquela época só podia ser apreciada a olho, é a mesma que hoje permite medir a pressão do traço. Voltaremos a ela no capítulo 9.

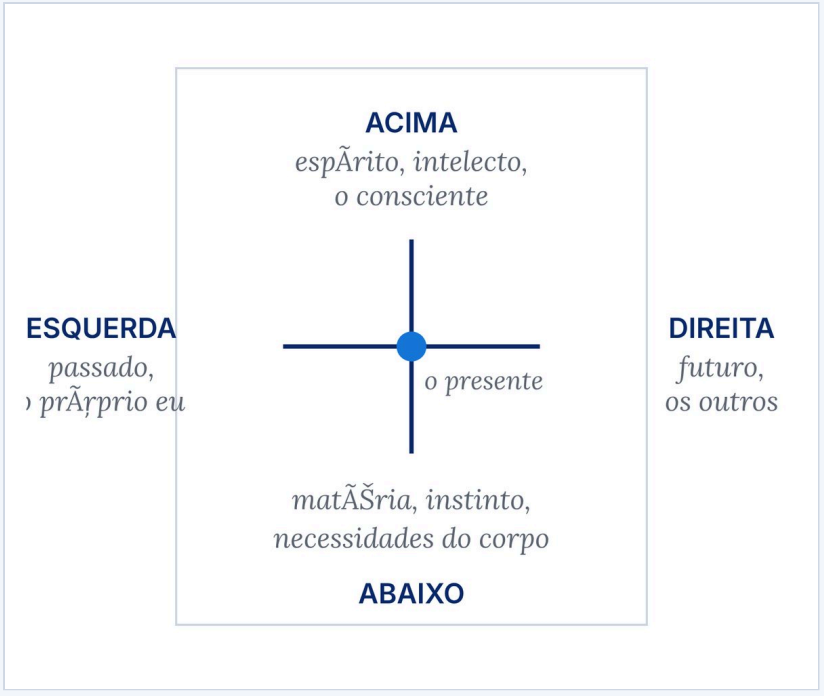
O homem que desenhou uma cruz

O quarto personagem é suíço. Max Pulver nasceu em Berna em 1889 e morreu em Zurique em 1952. Foi escritor, filósofo, psicanalista e grafólogo, e em 1950 fundou a Sociedade Suíça

de Grafologia. Em 1931 publicou O *simbolismo da escrita*, influenciado pelas ideias de Carl Gustav Jung.

Pulver propôs algo simples e poderoso: olhar a folha como um espaço com significado. Imaginou uma cruz sobre ela. Em cima ficava o espiritual, o intelectual, o consciente. Embaixo, o material, o instintivo, as necessidades do corpo. À esquerda, o passado e o próprio eu. À direita, os outros e o futuro. No centro, o presente.

FIGURA 7



A cruz simbólica de Max Pulver. A folha deixa de ser um fundo neutro e se torna um espaço com significado. Se a posição de um traço significa algo, então também pode ser medida.

A sua frase mais citada resume tudo: **«Quem escreve confecciona o próprio retrato»**.

A cruz de Pulver continua sendo ensinada em todas as escolas de grafologia. E tem uma consequência que ele não podia prever. Se a folha é um espaço com significado, então a posição de cada traço nesse espaço é um dado. E um dado, mais cedo ou mais tarde, pode ser medido.

Quatro olhares e um mesmo instrumento

Baldi teve a intuição. Michon deu-lhe um nome e um sistema. Crépieux-Jamin deu-lhe ordem e contexto. Klages deu-lhe um olhar de conjunto e a ideia do movimento. Pulver deu-lhe um mapa.

Foram homens brilhantes, e muitas de suas observações continuam úteis. Mas todos trabalharam com o mesmo instrumento: o olho humano, ajudado às vezes por uma lupa e uma régua. Tudo o que disseram passou pela percepção de alguém que olhava uma folha e decidia o que via.

Esse instrumento é extraordinário. Também é o protagonista do próximo capítulo, porque tem um problema que nenhum deles podia resolver com as ferramentas da sua época.

Aqui termina a amostra.
A história continua em mais treze capítulos.

Quer saber como continua?

Faltam treze capítulos: os pixels pretos, o estudo com o MBTI e o NEO-PI-R, a pressão do traço, a IA que escreve à mão e o que deu errado. Tudo com dados reais.

Quero o livro completo

Reservar sem pagar · Pré-venda: US$ 9,99 · 9,99 €